

O ATO DE “FINGIR” NA CRÔNICA MACHADIANA

Cilene Trindade Rohr¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é apresentar uma análise crítica da crônica de 16 de outubro de 1892, publicada na seção “A Semana”, do periódico *Gazeta de Notícias*, na qual o cronista alude à inauguração dos bondes elétricos para, por meio do diálogo entre dois burros – o ingênuo e o cético – erigir a crítica à ideologia do progresso. Sob a luz da ironia e de seus efeitos dúplices, pretendemos observar o efeito estético que emerge dessa construção textual, por meio do ato fictício que transgride o real e o imaginário, segundo a concepção de Wolfgang Iser. Tal efeito se dá graças à ironia como estratégia de ficcionalização, aliada ao modelo do diálogo e à alusão a *Gulliver*, personagem de Swift.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero Crônica; Efeito Estético; Real e Imaginário.

ABSTRACT: The objective of this work is to present a critical analysis of the chronic of October 16th of 1892, published in the section named “A Semana” of the periodic *Gazeta de Notícias*, where the chronist alludes to the opening of the electric tram, to by the dialog between two donkeys – the naive and the cetic – bring up the critic to the ideology of the progress. By the irony and, its doubles effects, we can see the aesthetic effect that comes through this textual construction, by fiction act that broke the rules of the reality and the imaginary, according to the conception of Wolfgang Iser. This effect appears because of the irony as a fictionalization strategy, allied to the standard dialog and the allusion to *Gulliver*, character of Swift.

KEYWORDS: Chronic Genre; Aesthetic Effect; Real and Imaginary.

Espaço de reflexão de diversificados temas do cotidiano político, social e artístico, a crônica serviu a Machado como um laboratório para o exercício crítico dos assuntos de seu país, atenuando seu ceticismo em relação a eles e, sobretudo aprimorando sua arte, conferindo à crônica um caráter ficcional que, ao fingir divertir e informar, expõe por outro viés a crítica. No texto selecionado, a ficcionalidade emerge da cena irônica, conforme a concepção de Linda Hutcheon (2000), na qual a tríade – ironista, intérprete e contexto – se insere na construção dessa crônica,

¹ Mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP. Contato: cicatn@hotmail.com

revelando a crítica do cronista, seja em relação ao contexto da abolição, enquanto estratégia dúcplice de libertação-opressão, seja em relação ao avanço tecnológico que gera o progresso, porém, marginaliza o povo, na medida em que o exclui de usufruir desses bens. Ao lado disso, a proximidade entre o burro-filósofo e o cronista, único capaz de entender a língua dos burros, traça um paralelo entre a crônica como gênero menor, feito para a futilidade e a distração, e a sua função crítica por meio do ato ficcional que a inscreve no universo literário.

A primeira observação que se faz na crônica é o desvio intencional para o gesto do cocheiro: “Para não mentir, direi que o que me impressionou, antes da eletricidade, foi o gesto do cocheiro. Os olhos do homem passavam por cima da gente que ia no meu bonde, com um grande ar de superioridade.” (ASSIS, 2005, p. 213). Pode-se dizer que o cronista, nesse momento, transgride o real ao desviar o olhar para o gesto do cocheiro, em detrimento da informação sobre a eletricidade dos bondes. O que deveria ser um discurso acerca da novidade da tecnologia, que beneficia o progresso ao trazer o bonde elétrico, torna-se pretexto para o cronista criar uma situação, na qual o real é desautomatizado e o discurso torna-se complexo, na medida em que toma a direção oposta do discurso pragmático da realidade. Esse desvio pode ser considerado como um “vazio”, na concepção de Iser (*apud* COSTA LIMA, 2006), deixado pelo cronista para redirecionar o leitor a uma outra percepção que segue no caminho oposto ao do bonde elétrico, uma vez que este seguiu na direção contrária ao do bonde antigo. Porém, diz o cronista, “nem por isso o perdi de memória.” (ASSIS, 2005, p. 214).

Nota-se, portanto, uma pista de que a intenção não é tratar do assunto da eletricidade, pelo menos não diretamente. Além disso, o cronista, logo de início, avisa que não participou da inauguração dos bondes e, portanto, não pode falar do que não viu. Esse modo de agir revela uma estratégia que submete essa crônica a uma outra leitura, ao invés do simples divertimento. Esse modo de elaboração promove um efeito estético que se dá pela articulação da ironia, produzida pela transgressão do real, na medida em que se observa o desvio que desautomatiza o assunto corriqueiro da crônica, cuja função se amplia – indo do simples divertimento ao exercício crítico de assuntos pertinentes à sociedade.

De acordo com Hutcheon, a ironia é uma “estratégia discursiva pensada no nível da linguagem (verbal) ou da forma (musical, visual, textual) e essa escolha não

pode desconsiderar o contexto social e interativo do funcionamento da ironia.” (2000, p. 27). O discurso irônico é apreendido por meio das relações dinâmicas e variadas entre o ironista, o interpretador e o ato discursivo. Todavia, o modo como o interpretador percebe a ironia difere do modo como o ironista arquiteta esse recurso. O ironista constrói a “relação irônica entre o dito e o não dito” (HUTCHEON, 2000, P 28), porém, nem sempre obtém sucesso, uma vez que o interpretador atinge a ironia sob um ponto de vista “interpretativo e intencional” que acrescenta significado ou faz reflexões a partir de elementos lexicais que preveem esse recurso.

A partir dessa observação de Hutcheon, notamos que na crônica machadiana o emprego da ironia revela-se pelo modo como o cronista elabora sua fala, aparentemente desprovida de juízo para, por meio dela, expor seu julgamento. O discurso se constroi negando o que é dito para, em seguida, reafirmá-lo. É possível observar essa estratégia no trecho a seguir:

Não é meu ofício censurar essas meias glórias, ou glórias de empréstimo [...]. As glórias de empréstimo, se não valem tanto como as de plena propriedade, merecem sempre algumas mostras de simpatia. Para que arrancar um homem a essa agradável sensação? Que tenho para lhe dar em troca? (MACHADO, 2005, p. 213).

O cronista diz que não é seu ofício censurar, mas, ao negar essa função, já está afirmando-a, pois expressa um juízo de valor sobre a postura do cocheiro, cujo porte físico, extremamente inclinado, expõe sua alienação diante de algo que não lhe pertence, ou seja, o bonde. Desse modo, podemos afirmar que o discurso se emprega com “distanciamento desinteressado e engajamento apaixonado.” (HUTCHEON, 2000, p. 33). Isso não significa, necessariamente, concordância com o que é dito, uma vez que se trata de uma estratégia para camuflar a intenção, ou melhor, para ambigüizar o discurso. Essa ambigüidade promove um efeito criado intencionalmente para redimensionar o pensamento do leitor fazendo-o pensar se, de fato, é livre ou se também não é alienado como o cocheiro que assume uma postura superior em relação aos demais, posicionando-se como o inventor ou dono do bonde elétrico.

Tendo em vista o fato de ser a ficção uma parcela da realidade, sem a pretensão de esgotá-la, entende-se que há uma apropriação do fato real para, em seguida, transgredi-lo. A posição de Iser sobre os atos de fingir, no que tange à questão realidade e ficção, coloca em suspeita a oposição entre essa dicotomia (real e

fictício) e a substitui pela relação triádica real-fictício-imaginário. O imaginário sofre também, segundo Iser, uma transgressão no seu caráter difuso e fantasioso. Desse modo, o que não é determinado, ou seja, o que é lúdico, passa a ser real, visto que é passível de entendimento. O imaginário transgredido na crônica machadiana é percebido pela verossimilhança da construção textual que inscreve animais que falam dentro de uma cadeia ficcional.

De repente ouvi vozes estranhas; pareceu-me que eram os burros que conversavam, inclinei-me (ia no banco da frente); eram eles mesmo. Como eu conheço um pouco a língua dos Houyhnhnms, pelo que dela conta o famoso Gulliver, não me foi difícil apanhar o diálogo. Bem sei que cavalo não é burro; mas reconheci que a língua era a mesma. (ASSIS, 2005, p. 214).

Nesse excerto, ao mencionar Gulliver, entendemos que Machado “transgride” a realidade da obra de Swift, deslocando-lhe o sentido original. Essa transgressão tem por finalidade, fazer emergir, indiretamente, a crítica ao sistema, visto que o cronista apropria-se de um modelo que consiste na representação de uma realidade vivida por animais que falam. Em Gulliver o discurso é mais objetivo e didático, visto que se propõe a informar e ensinar ao ser humano, como se curar de sua personalidade bestial. Após sua longa jornada e, sobretudo, sua temporada no país dos Houyhnhnms, Gulliver diz o seguinte: “Meu objetivo principal foi informar, não divertir.” (SWIFT, 2006, p. 184). Quando retorna ao mundo dos humanos, o viajante tem dificuldade de se adaptar novamente. Ele sente aversão e medo dos seus semelhantes, porque percebe neles o caráter inescrupuloso, a ignorância, selvageria e bestialidade inerente aos yahoos (seres do país Houyhnhnms com aparência humana, porém, brutos e ferozes). O narrador, Gulliver, reeduca-se durante sua viagem e ao contá-la ao leitor pretende fazer com que este, também corrija seu próprio comportamento.

Machado menciona Swift, posto que ele visa, também, ao ensinamento. Entretanto, redimensiona o sentido da obra desse autor, uma vez que revela no diálogo dos burros um jogo dúplice que torna a intenção ambígua e é daí que notamos o efeito ficcional que emerge da crônica machadiana, pelo recurso da ironia, cujo “funcionamento subversivo costuma ser ligado ao conceito de que ela (a ironia) é um modo de autocrítica, autoconhecimento e auto-reflexão.” (HUTCHEON, 2000, p. 53). Desse modo, a ironia é empregada pelo cronista, por meio do diálogo entre opostos,

para fazer meditar seus próprios questionamentos. O burro da esquerda é alienado, passivo e pode representar o povo que é a maioria na sociedade. Já o da direita é cético, crítico e faz reflexões sobre sua situação. Ele é de esquerda e pode representar o cronista ou o escritor que representa a minoria.

Contudo, a ironia do discurso do cronista aparece enviesada tanto na fala do burro da direita (o filósofo) como no da esquerda (o alienado). Há, portanto, uma intenção que fica problematizada pela bifurcação do discurso. Essa estratégia dissimula e exime de responsabilidade o cronista que reproduz na fala dos animais, tanto seu descontentamento como, também, sua crítica à indústria criadora de máquinas capazes de substituir o trabalho manual, excluindo o homem da sociedade. Interpreta-se desse modo, porque “a dimensão semântica e sintática da ironia não pode ser desvencilhada dos seus aspectos social, histórico e cultural em que é empregada e atribuída.” (HUTCHEON, 2000, p. 36).

Mas que tem capim com a nossa liberdade, depois do bonde elétrico? –O bonde elétrico apenas nos fará mudar de senhor. – De que modo? –Nós somos bens da companhia. Quando tudo andar por arames, não somos já precisos, vendem-nos. Passamos naturalmente às carroças. –Pela burra de Balaão!, exclamou o burro da esquerda. Nenhuma aposentadoria? nenhum prêmio? nenhum sinal de gratificação? Oh! mas onde está a justiça deste mundo? (ASSIS, 2005, p. 215).

Como se observa, o cronista expõe, indiretamente, pela fala do burro filósofo, seu ponto de vista, ou talvez, seu descontentamento “profundamente pessimista”, segundo afirma Gledson (1996), em relação aos avanços tecnológicos que deixam o povo à margem da sociedade. Desse modo, percebemos o emprego da ironia com uma intenção subjacente que prevê um alvo, visto que “ela às vezes tem o que alguns chamam de vítima”. (HUTCHEON, 2000, p. 33).

O caráter dúplice do discurso irônico é ressaltado pela construção ambígua que revela o duplo do cronista na voz da personagem – “Nenhuma aposentadoria? nenhum prêmio? nenhum sinal de gratificação? Oh! mas onde está a justiça deste mundo?”. Essa lamentação do burro nos dá a dimensão da intenção autoral que projeta no burro o seu duplo para criticar a ignorância do homem. Notamos aí que a ironia contribui para enviesar o olhar e o pensamento do leitor que não opera mais em um único sentido, pois, “a visão única produz mais ilusões que a visão dupla.” (*apud*

HUTCHEON, 2000, p. 56). O burro filósofo, como duplo do cronista, abre um outro ponto de vista sobre a chegada da eletricidade, fazendo com que o burro alienado pense sobre sua condição em meio a esse novo modelo de tecnologia.

O cronista cala-se para dar voz aos burros, mas faz refletir no discurso destes, sua dupla intenção que é criticar o descaso social, mas, principalmente, fazer o leitor pensar no caminho inverso ao do senso comum e, por isso, ele diz: “fomos seguindo; até que, perto do fim da linha e já noite, éramos só três pessoas, o condutor, o cocheiro e eu. Os dois cochilavam, eu pensava.” (ASSIS, 2005, p. 214).

Notamos nesse trecho que o cronista destaca-se dos demais, pois, enquanto os outros dormem, ele pensa. Nesse exercício intelectual, suas reflexões são projetadas no diálogo dos burros, sobretudo, porque ele fala a língua desses animais. Seus questionamentos se voltam, também, para a posição do escritor na sociedade. “O burro fala menos, decerto; é talvez o trapista daquela grande divisão animal, mas fala.” (ASSIS, 2000, p. 214). Machado expõe aí, a posição marginalizada do cronista na sociedade e a compara à condição dos burros.

Claro, parece; mas entre parecer e ser, a diferença é grande. Tu não conheces a história de nossa espécie, colega; ignoras a vida dos burros desde o começo do mundo. Tu nem refletas que, tendo o salvador dos homens nascido entre nós, honrando a nossa humildade com a sua, nem do dia de Natal escapamos da pancadaria cristã. (ASSIS, 2000, p. 214).

Todavia, como se vê no trecho, o discurso ambíguo, por outro viés, enaltece e eleva a figura do escritor que se distingue das outras espécies, por ter sido eleito para carregar Jesus e, também, do homem comum pela capacidade de enxergar o outro lado da situação do progresso que marginaliza o trabalhador, ao fazê-lo sucumbir à máquina. O burro se distingue das demais espécies, sobretudo, do homem, do mesmo modo que a figura do escritor se diferencia do homem comum, por isso, o cronista fala a língua dos burros.

O burro se distingue pela natureza sem par. A nossa raça é essencialmente filosófica. Ao homem que anda sobre dois pés, e provavelmente à águia, que voa alto, cabe a ciência da astronomia. Nós nunca seremos astrônomos; mas a filosofia é nossa. Todas as tentativas humanas a esse respeito são perfeitas quimeras. (ASSIS, 2005, p. 216).

O homem comum aceita os acontecimentos sem questionar, pois não consegue ver a chegada da eletricidade sob outra perspectiva. Já o cronista distingue-se pela sua sensatez e agudeza de pensamento que se revela pelo discurso irônico cujo sentido expõe no diálogo dos burros o propósito da crônica, seja o de divertir e informar, seja o de fazer refletir a condição das massas diante do novo sistema que liberta e, ao mesmo tempo, oprime o sujeito, excluindo-o da sociedade.

É somente pelo diálogo que o homem toma consciência de sua posição na sociedade e passa a olhar para os acontecimentos dela com uma visão crítica e bastante realista. Nessa crônica, portanto, entendemos que o cronista se posiciona como um observador minucioso, que desentranha do pecúlio comum, o miúdo para compor sua matéria e constroi seu discurso de maneira bastante instigante, visto que há uma estratégia narrativa revelada pela duplicidade do discurso, induzindo o leitor a ser crítico com relação aos assuntos de seu tempo, sobretudo aqueles referentes aos ideais de progresso.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. “Crônica de 16 de outubro de 1892”. In: *Melhores Crônicas*. Seleção Salete Almeida Cara. São Paulo: Global, 2005.

CLARK, Katerina e HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004.

COSTA LIMA, Luis. “Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional”. In: *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

_____. “Enfim, a teoria do ficcional”. In: *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2006.

GLEDSON, John. “Introdução”. In: *A Semana: crônicas (1892 – 1893)*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

HUTCHEON, Linda. “Negócio Arriscado – A política ‘transideológica’ da ironia” In: *Teoria e política da ironia*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

SWIFT, Jonathan. *Viagens de Gulliver*. Tradução Paulo Sérgio de Vasconcellos. São Paulo: Sol, 2006.